



Um olhar de pioneiro

Pelo jornalista Aloísio Brandão, do CFF,
Editor da revista "Pharmacia Brasileira".



Dr. José Abol é nome referencial das análises clínicas, no Brasil

O nome do DR. JOSÉ ABOL CORRÊA está tão associado à história das análises clínicas, no Brasil, que é impossível falar sobre o setor, sem citar o seu nome pioneiro. Uma história de conquistas, resalte-se. Foi ele quem tomou a dianteira nas fileiras que, em 1967, criaram a SBAC (Sociedade Brasileira de Análises Clínicas), entidade científica profissional, sem fins lucrativos, que abriu uma nova e definitiva fron-

teira para o setor, inclusive incorporando uma rigorosa e bem-sucedida política de controle de qualidade para os laboratórios clínicos. Foi quando a Sociedade que o próprio ABOL dirigia implantou o audacioso Programa Nacional de Controle de Qualidade (PNCQ), o maior provedor de ensaio de proficiência da América Latina. "Hoje, fabricamos nossas próprias amostras-controladas e realizamos o controle de qualidade para cerca de 5.300 laboratórios clínicos, sendo que 350 deles são estabelecimentos governamentais", diz, com o justo orgulho, o criador e diretor do programa.

O longo tempo na lida laboratorial não tirou de DR. JOSÉ ABOL o desejo - e o compromisso profissional - de se manter permanentemente atualizado técnica e cientificamente. ABOL acompanha tudo o que diz respeito ao avanço tecnológico, à automação, dentro dos laboratórios clínicos. O farmacêutico-bioquímico prevê que a tecnologia trará, nos próximos anos, novidades "de arrepiar". Ele explica: "Teremos pequenos instrumentos portáteis que farão um levantamento do estado de saúde do indivíduo e imediatamente enviarão estes resultados para o setor clínico, para as providências devidas, a fim de garantir a segurança e o tratamento imediato do paciente".

Sul-mato-grossense de Campo Grande, nascido em 1930, ABOL graduou-se farmacêutico pela Faculdade de Farmácia da Universidade Fede-

ral do Pará (UFPA), em 1955. Fez vários cursos de especialização, como o de Aplicação de Radioisótopos, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Comissão Brasileira de Energia Nuclear, e de Especialista em Análises Clínicas, pela SBAC. Acumulou outras funções técnicas e administrativas, como de diretor do Laboratório Químico Farmacêutico da Aeronáutica, de conselheiro federal de Farmácia e de presidente da *Confederación Latinoamericana de Bioquímica Clínica* (Colabiocli). DR. JOSÉ

PHARMACIA BRASILEIRA - DR. JOSÉ ABOL, em 1967, o senhor liderou um grupo do qual faziam parte, entre outros, os farmacêuticos-bioquímicos Drs. Mateus Mandú de Souza (RJ), João Ciribelli Guimarães (RJ), Durval Mazzei Nogueira (SP), Antônio José Marques D'Almeida (RS), Ney Haushan (RJ), Affonso Zanonato (RS). Juntos, criaram a SBAC, no dia 28 de novembro daquele ano. O senhor é o sócio número 01 da Sociedade e, mais que um espectador, é um protagonista da história das análises clínicas, no Brasil. Quais foram os acontecimentos que mais marcaram o setor, no País, ao longo desses 51 anos de existência da SBAC?

Dr. José Abol Corrêa - Neste período, a profissão farmacêutica estava sendo contestada pelos médicos patologistas quanto à responsabilidade pelos laboratórios clínicos, no País. Então, por sugestão do Conselho Federal de Farmácia (CFF), estes profissionais decidiram criar a SBAC, uma sociedade científica que veio ocupar uma lacuna, pois a Sociedade dos médicos não aceitava, naquela época, os profissionais farmacêuticos como associados.

Foi, então, criada uma sociedade científica, que veio para divulgar a capacitação dos farmacêuticos-bioquímicos na área das análises clínicas, pois, para que o laboratório clínico pudesse trabalhar para o SUS, teria que possuir um título de especialista, que era outorgado pelo CFF. Como Presidente da SBAC e conselheiro federal de Farmácia, solicitei que o CFF liberasse para a SBAC a emissão deste título, o que foi aprovado em plenária, por unanimidade.

ABOL CORRÊA é coronel farmacêutico aposentado da Força Aérea Brasileira.

DR. ABOL deu esta entrevista à "Pharmacia Brasileira" em que fala sobre a atual realidade das análises clínicas e a respeito do que o futuro - quase presente - trará para o setor por meio da tecnologia e da automação. Ele lembra a criação da SBAC, a implantação do PNCQ, entre outras questões relacionadas ao segmento. **VEJA A ENTREVISTA.**

O segundo acontecimento que marcou o setor foi a realização anual dos Congressos Brasileiros de Análises Clínicas, nos quais os profissionais da área puderam capacitar-se e conhecer os avanços tecnológicos da atividade laboratorial.

O terceiro foi a emissão, pela Anvisa, da RDC 302/2005, uma norma de qualidade e de responsabilidade para todos os laboratórios clínicos do País, independente da profissão do responsável técnico. A SBAC, sempre, esteve presente junto à Anvisa e na elaboração desta resolução, cooperando com as suas orientações.

Lamentavelmente, considero o quarto acontecimento a resolução do Ministério de Educação para o término da graduação do farmacêutico-bioquímico, substituído pelo generalista e que não foi contestado adequadamente pelas nossas entidades farmacêuticas, pois isto está levando à diminuição da atividade do farmacêutico na área laboratorial, dando oportunidades a outras profissões ocuparem o espaço.

PHARMACIA BRASILEIRA - O senhor foi o criador, em 1976, do Programa Nacional de Controle de Qualidade (PNCQ) da SBAC, destinado aos laboratórios clínicos e às instituições de diagnóstico em saúde. O PNCQ fez alterar a cena clínica brasileira, com a projeção da confiabilidade dos laboratórios. Fale sobre isto.

Dr. José Abol Corrêa - Sim, como presidente da SBAC e devido ao contato com ou-

ENTREVISTA

COM DR. JOSÉ ABOL CORRÊA

tras entidades internacionais, comecei a ver a necessidade de ser implantado, no Brasil, um sistema de controle de qualidade para avaliar o desempenho dos testes laboratoriais em prol da segurança dos pacientes. Gradativamente, depois de 1976, quando lançamos a ideia, chegamos à decisão de criar o PNCQ, que é um marco da SBAC, podendo, hoje, afirmar que somos o maior provedor de ensaio de proficiência da América Latina. Hoje, fabricamos nossas próprias amostras-controle e realizamos o controle de qualidade para cerca de 5.300 laboratórios clínicos, sendo que 350 deles são estabelecimentos governamentais.

PHARMACIA BRASILEIRA - Por que os erros laboratoriais estão mais concentrados na fase pré-analítica? E que impactos esses erros podem causar ao laudo?

Dr. José Abol Corrêa - A fase pré-analítica inicia-se na solicitação dos exames pelos médicos e vai até a hora da realização dos testes. Portanto, temos a forma de solicitação que, muitas vezes, levam dúvidas sobre os testes solicitados, a identificação correta dos pacientes, o tipo de amostras e como ela é coletada e o tratamento desta amostra dentro do estabelecimento.

Portanto, pelos itens citados, onde praticamente todos eles dependem da ação humana, levam à possibilidade de erros, que podem comprometer a qualidade do laudo laboratorial. Por isto, as sociedades científicas, como a SBAC, preconizam que os laboratórios clínicos devem ter uma acreditação do seu sistema de gestão, justamente para identificar e diminuir estes er-

ros, com a aplicação de procedimentos administrativos condizentes com a sua atividade.

Para a acreditação, a SBAC possui outra ferramenta, que é o DICQ Sistema Nacional de Acreditação, maior entidade acreditadora de laboratórios clínicos, no País e na América Latina, com mais de 380 laboratórios acreditados pela norma ISO 15.189.

Este incremento, que auxiliou o DICQ a chegar nesta meta, foi um programa de computador que elaboramos, no PNCQ, denominado PNCQ Gestor, que é disponibilizado aos participantes, juntamente com um curso de gestão e formação de auditores internos. Este curso é programado anualmente, em todo o País, e é o responsável pelo crescimento do número de laboratórios acreditados pela SBAC/DICQ. Estatisticamente, nesta fase, estes erros podem chegar a 70% dos possíveis erros que acontecem na execução dos testes, o que causa um impacto muito grande na avaliação clínica dos pacientes.

PHARMACIA BRASILEIRA - A automação laboratorial é uma das últimas fronteiras do setor. A automação é, digamos, irmã siamesa da qualidade e da agilidade dos serviços prestados pelos laboratórios. Ainda assim, o olho clínico do farmacêutico especialista haverá de ser, sempre, insubstituível? Por exemplo, pesa mais a tecnologia ou a interpretação de uma lâmina para exame hematológico (contagem diferencial de leucócitos) pelo profissional, que se vale dos seus conhecimentos técnicos e científicos?

Dr. José Abol Corrêa - De fato, a automação é um fato consumado e a tecnologia levará,



Chegamos à decisão de criar o PNCQ, que é um marco da SBAC. Podemos afirmar que somos o maior provedor de ensaio de proficiência da América Latina. Hoje, fabricamos nossas próprias amostras-controle e realizamos o controle de qualidade para cerca de 5.300 laboratórios clínicos, sendo que 350 deles são estabelecimentos governamentais.

(DR. JOSÉ ABOL CORRÊA, FARMACÊUTICO-BIOQUÍMICO)





A automação é um fato consumado e a tecnologia levará à dispensa de muitos profissionais nas empresas laboratoriais, mas nunca irá prescindir da presença de um profissional capacitado para avaliar o desempenho dos equipamentos e validar o laudo final para ajudar a clínica médica em seus diagnósticos.



(Dr. JOSÉ ABOL CORRÊA, FARMACÊUTICO-BIOQUÍMICO)

com certeza, à dispensa de muitos profissionais nas empresas laboratoriais, mas, nunca irá prescindir da presença de um profissional capacitado para avaliar o desempenho dos equipamentos automáticos e validar, com a sua assinatura eletrônica ou não, o laudo final para ajudar a clínica médica em seus diagnósticos. O seu exemplo - da lâmina de hematologia - é a resposta certa de que o equipamento, no momento, não poderá interpretar definitivamente uma leucemia, sem examinar o tipo de leucócito que contém as características próprias desta patologia.

PHARMACIA BRASILEIRA - O avanço da tecnologia, da automação, dentro dos laboratórios clínicos, pode levar o farmacêutico analista clínico a se acomodar em sua obrigatoriedade e sistemática busca por conhecimentos, confiando na precisão da máquina?

Dr. José Abol Corrêa - Mesmo com a automação, a capacitação contínua é uma obrigação do profissional, pois as metodologias mudam, constantemente, devido às novas tecnologias e às descobertas científicas específicas para a especialidade. Os resultados da máquina, ainda, devem ser avaliados por um profissional competente do setor.

PHARMACIA BRASILEIRA - O senhor é um nome referencial das análises clínicas que atravessou gerações de profissionais, ajudou a criar a SBAC e o PNCQ, dirigiu congressos da entidade e fundou e esteve à frente do seu próprio laboratório. Como o senhor traduz o atual cenário do setor? E que projeção faz para os próximos 20 anos?

Dr. José Abol Corrêa - As descobertas tecnológicas que estão previstas para as próximas décadas são de arrepiar. Teremos pequenos instrumentos portáteis que farão um levantamento do estado de saúde do indivíduo e imediatamente enviarão estes resultados para o setor clínico, para as providências devidas, a fim de garantir a segurança e o tratamento imediato do paciente.

Dentro de algumas décadas, o médico somente será requisitado para assinar um pedido de tratamento ou receitar, porque ele receberá o diagnóstico e uma lista dos medicamentos que foram indicados para o paciente. Até as cirurgias deverão ser realizadas, em grande parte, por robôs e pela telemedicina, utilizando profissionais capacitados em tecnologia de ponta.

PHARMACIA BRASILEIRA - Como o senhor situa as análises clínicas do Brasil no contexto internacional (entenda os países de Primeiro Mundo)?

Dr. José Abol Corrêa - O Brasil, hoje, está utilizando as mesmas metodologias e processos que estão disponíveis, no mundo todo. Entretanto, novos reagentes e metodologias que ainda estão em testes de pesquisa devem chegar atrasados, porque as inovações somente são divulgadas, quando é possível a comercialização, pois os pesquisadores e empresas que os contratam têm o objetivo de recuperação do custo e obtenção do lucro, o que, em nosso ponto de vista, está certo. Exceto aquelas sustentadas pelos governos, que são poucas. Teremos muitas inovações nos diagnósticos, nas especialidades de biologia molecular e espectrometria de massa e toxicologia.